

**O USO DA (AUTO)BIOGRAFIA EM PESQUISAS
BRASILEIRAS (2001 – 2010): A CONSOLIDAÇÃO DE UMA
TENDÊNCIA METODOLÓGICA**

***THE USE OF (AUTO) BIOGRAPHY IN BRAZILIAN RESEARCH
(2001 - 2010): THE CONSOLIDATION OF A
METHODOLOGICAL TREND***

***EL USO DE LA (AUTO)BIOGRAFÍA EN INVESTIGACIONES
BRASILEÑAS (2001-2010): LA CONSOLIDACIÓN DE UNA
TENDENCIA METODOLÓGICA***

Marilda da Silva^I

Isabela Vicenzo Sgobbi^{II}

Eva Poliana Carlindo^{III}

^IUniversidade Estadual Paulista – Câmpus de Araraquara, São Paulo – Brasil. E-mail: marilda@fclar.unesp.br

^{II}Universidade Estadual Paulista – Câmpus de Rio Claro, São Paulo – Brasil. E-mail: isabelasgobbi@yahoo.com.br

^{III}Universidade Estadual Paulista – Câmpus de Araraquara, São Paulo – Brasil. E-mail: policarlindo@yahoo.com.br



Educação: Teoria e Prática, Rio Claro, SP, Brasil - eISSN: 1981-8106

Está licenciada sob [Licença Creative Common](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)

Resumo

O objetivo desta pesquisa é apresentar um mapeamento/balanco quantitativo que possibilita dar visibilidade ao uso que foi feito do recurso teórico-metodológico (auto)biografia por pesquisadores brasileiros no período de 2001 - 2010. Busca-se, assim, mostrar o movimento que consolidou esse recurso como tendência metodológica no referido período no âmbito da história epistemológica produzida em tal tempo no Brasil, nas Ciências Humanas e no Campo Educacional. Trata-se de uma pesquisa documental. As fontes foram 742 pesquisas: 514 mestrados e 228 doutorados. Usou-se o Banco de dados da CAPES. Os dados apontam que o uso do referido recurso metodológico consolidou uma tendência metodológica no âmbito da história epistemológica produzida no Brasil em tal tempo, abrangendo as Ciências Humanas de modo geral e o Campo Educacional em particular. Nesse sentido, na década em questão, a média anual de produção foi de 74 pesquisas. Outrossim, os dados evidenciaram os nichos institucionais nucleares da consolidação da tendência.

Palavras-chave: (Auto)biografia. Produção. Ciências Humanas. Campo Educacional.

Abstract

The objective of this research is to present a mapping of literature that allows giving visibility to the use that was made of the theoretical-methodological (auto) biography by Brazilian researchers in the period of 2001 - 2010. It seeks to show the movement that consolidated this resource as a methodological tendency in the mentioned period in the scope of the epistemological history produced in such time in Brazil, in the Human Sciences and in the Educational Field. This is a documentary research. The Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) database was used. The data indicate that the use of this methodological resource consolidated a methodological tendency within the scope of the epistemological history produced in Brazil at that time, encompassing the Human Sciences in general and the Educational field in particular. In this sense, in the decade in question, the

annual average production was 74 studies. Moreover, the data showed the nuclear institutional niches of the consolidation of the trend.

Keywords: *(Auto)biography. Scientific Production. Human Sciences. Educational Field*

Resumen

El objetivo de esta investigación es presentar un mapeo/balance cuantitativo que permite dar visibilidad al uso que fue hecho del recurso teórico-metodológico (auto)biografía por investigadores brasileños en el período 2001-2010. De este modo, se pretende mostrar el movimiento que consolidó ese recurso como tendencia metodológica en el referido intervalo en el ámbito de la historia epistemológica producida en dicho periodo en Brasil, en las Ciencias Humanas en general y en el Campo Educativo en particular. Se trata de una investigación documental. Las fuentes fueron 742 investigaciones: 514 maestrías académicas y 228 doctorados. Se utilizó el Banco de datos de CAPES. Los datos apuntan que el uso del recurso metodológico referido consolidó una tendencia metodológica en el ámbito de la historia epistemológica producida en Brasil en tal tiempo, abarcando la Ciencias Humanas de modo general y el Campo Educativo en particular. En ese sentido, en la década en cuestión, el promedio anual de producción fue de 74 investigaciones. Del mismo modo, los datos evidenciaron los nichos institucionales nucleares de la consolidación de la tendencia.

Palabras clave: *(Auto)biografía. Producción. Ciencias Humanas. Campo Educativo.*

1 Introdução

No presente artigo¹ apresenta-se um conjunto de trabalhos, dissertações e teses, produzidos no Brasil no período de 2001 a 2010 que tiveram a (auto)biografia - nas suas diferentes formas -, como método de produção das fontes das quais extraíram o objeto que construíram nas respectivas investigações. Especificamente, o objetivo desta pesquisa é

¹ Este estudo deriva-se do projeto de pesquisa intitulado ‘Violência por professores e professoras na voz de suas vítimas: uma estrutura do habitus profissional em professores brasileiros’ financiado pela FAPESP (Processo n. 2010/11054-6) e do projeto financiado pelo CNPq (Processo n. 401083/2011-0) intitulado ‘O que dizem alunos sobre a participação, ou não, de professores sobre a produção do fenômeno violência em meio escolar: buscando a complexidade da constituição do fenômeno violência’. A origem a que se refere diz respeito ao fato de as fontes desses dois projetos serem de natureza (auto)biográfica e por tal razão foi necessário realizar uma revisão bibliográfica que possibilitou os dados que serão apresentados.

apresentar um mapeamento quantitativo que possibilita dar visibilidade ao uso de tal procedimento metodológico em nosso país, tendo em vista contribuir para uma história epistemológica produzida por pesquisadores a partir de suas filiações que consolidam temporariamente tendências metodológicas. A coleta dos dados foi feita no Banco de Dados da CAPES² por meio do título e do resumo das pesquisas-fonte. Como usamos apenas esse Banco de Dados não se trata, portanto, do estado da arte, tratando-se sim de um estado da arte³, e para tanto utilizamos tão somente o descritor "(auto)biografia". Este artigo está organizado do seguinte modo: após a 'Introdução' segue-se 'Uma breve descrição do método (auto)biográfico'; em seguida a apresentação dos dados mediada pela análise dos mesmos – em duas partes, intituladas, respectivamente, 'As pesquisas realizadas no Brasil no período de 2001 - 2010 que tiveram a (auto)biografia como recurso metodológico' e 'A (auto)biografia na constituição do campo educacional brasileiro (2001 – 2010)'. Por fim, apresentamos 'Breves Considerações Finais'.

2 Uma breve descrição do método (auto)biográfico

O método (auto)biográfico fora utilizado de maneira acentuada nos anos de 1920 e 1930 por sociólogos americanos filiados à Escola de Chicago, como alternativa à ciência positivista (BUENO, 2002). Antes disso, as ciências humanas explicavam também os fenômenos sociais por meio dessa alternativa teórico-metodológica. Contudo, esse procedimento foi sufocado pela hegemonia do positivismo e a possibilidade do uso de dados subjetivos caiu em quase completo desuso⁴. Somente por volta de 1980 a (auto)biografia é empregada novamente na sociologia e, particularmente, a partir de 1990, ganha destaque como método/fonte de pesquisas no campo da educação, como afirmam Bueno et al. (2006, p. 391):

² Busca realizada no link <http://capesdw.capes.gov.br/capesdw/>

³ Como já se sabe, os títulos e os resumos, ainda, nem sempre indicam objetivamente do que se trata a pesquisa que apresentam. Poder ser que essa condição tenha trazido perdas à localização das fontes, o que também sugere que este levantamento seja "um estado da arte".

⁴ Conforme relatado por Bueno (2002), apenas na Polônia o método foi largamente empregado. Devido às barreiras linguísticas os trabalhos realizados no referido período permanecem, praticamente, desconhecidos por nós.

Com efeito, o acesso a textos publicados em Portugal e distribuídos aqui [Brasil] reunindo colaborações de autores portugueses, franceses, suíços, italianos, com teorias e investigações sobre o método autobiográfico como recurso metodológico e como fonte de pesquisa, foi um dos aspectos definidores do cenário que se desenha nos anos de 1990.

Ao ressurgir, a autobiografia absorveu uma variedade de interesses ultrapassando o simples interesse pela vida pessoal-privada e incorporando aspectos importantes da composição do imaginário social, sobretudo, os que se referem ao contexto histórico e político no qual a sociedade fora produzida e o sujeito formado. Dessa maneira, o método/fonte (auto)biográfico ressurgiu com a proposição de atribuir veracidade aos dados de caráter subjetivo, acenando para outros modos de fazer pesquisa.

É nesse contexto que ‘a questão do sujeito’ retorna por via das ciências sociais após ter sido esvaziada nos anos de 1960 e 1970. Ao retornar, reaparece na cena sociológica como um sujeito despojado da dimensão essencialista e atemporal, que lhe conferia a filosofia clássica, mas fortemente inscrito em uma realidade sociohistórica, ela própria cambiante e instável. (BUENO et al, 2006, p. 392).

No que se refere ao campo educacional de modo geral e, particularmente ao professor, os estudos de Abraham culminaram no livro *O professor é uma pessoa* – que foi publicado em 1986 -, apontado como o marco da literatura pedagógica em que a ‘pessoa’ do professor assume importância em estudos sobre formação docente. Nesse sentido, segundo Nóvoa (1992, p. 15), “a literatura pedagógica foi invadida por obras e estudos sobre a vida dos professores, as carreiras e os percursos profissionais, as biografias e autobiografias docentes”. Desde então, a subjetividade assume papel fundamental na investigação da formação docente e, conseqüentemente, no desenvolvimento e atuação desse profissional. Assume-se, assim, uma nova forma interpretativa da dimensão do fazer docente: a pessoal e a profissional conjuntamente.

Em oposição à história tradicional, factual e dos grandes feitos, passa-se a observar o sujeito por meio de suas formas linguísticas e culturais, tendo em vista articular, para se compreendê-lo, a microfísica e a macrofísica do poder. Isso ocorre porque a biografia é

subjetiva: é por meio dela que o pesquisador vê a realidade a partir do ponto de vista singular, único, do sujeito pesquisado. Há que se considerar, nesse processo, a contundente relação estabelecida entre história individual e história social de modo que haja a apreensão do sujeito pelo todo. Para Ferraroti (apud BUENO, 2002, p. 19) “podemos conhecer o social a partir da especificidade irredutível de uma práxis individual”. Para Dominicé (1988, p. 140):

[...] a história de vida é outra maneira de considerar a educação. Já não se trata de aproximar a educação da vida, como nas perspectivas da educação nova ou da pedagogia ativa, mas de considerar a vida como o espaço de formação. A história de vida passa pela família. É marcada pela escola. Orienta-se para uma formação profissional, e em consequência beneficia de tempos de formação contínua. A educação é assim feita de momentos que só adquirem o seu sentido na história de uma vida.

Nessa concepção, toma-se história de vida e formação intelectual como dois aspectos distintos, porém imbricados entre si. Amplia-se, assim, a visão a respeito de elementos constituidores da vida privada como/para elementos também da formação profissional. Portanto, é importante tomarmos ‘a vida do professor em continuidade’ como processo formativo docente. Nesse sentido, é importante tomarmos a vida como um acréscimo de experiências, as quais se tornaram passado – breves ou longínquos – que fazem parte dos processos formativos do sujeito-professor. Para Bergson (1989, p. 141) “[...] não há continuação de um estado sem adição, ao sentimento presente, da lembrança de momentos presentes.”

Assume-se, dessa forma, que o hiato traçado entre passado e futuro é um instante genuinamente tênue e teórico: um instante captado por nossos olhos já se torna passado. Pode-se dizer, então, que o universo simbólico se constrói no interior de reminiscências, no qual o sujeito arroga para si a função de lembrar e reconstruir o que está impregnado em sua consciência. E é exatamente por isso que ‘a vida’, neste caso, do professor é o elemento formativo estrutural da docência que exerce. Ademais, para Le Goff (2003, p. 421), as biografias/(auto)biografias podem servir estrategicamente para a humanidade:

[...] a utilização de uma linguagem falada, depois escrita, é de fato uma extensão fundamental das possibilidades de armazenamento da nossa memória que, graças a isso, pode sair dos limites físicos do nosso corpo para estar interposta, quer nos outros, quer nas bibliotecas.

Considera-se, portanto, que as diferentes formas de registrar e transmitir episódios vivenciados pelo sujeito é fundamental para se resguardar o passado e assegurar sua perpetuação. Por fim, entendemos que o ato de narrar, em suas múltiplas formas, traduz a capacidade de intercambiar experiências.

Assim, é que Franco Ferrarotti (1988 apud BUENO, 2002) lembra-nos que informações/dados (auto)biográficos não podem ser vistos como um “concentrado de informações” a serem generalizados. Tal postura leva ao empobrecimento desse método, causando uma assepsia em sua natureza, tentando transformá-la naquilo que não pode ser e para o quê nunca foi sugerida.

Ainda segundo ele, a utilização do método (auto)biográfico justifica-se, pois o nosso sistema social encontra-se integralmente em cada um dos nossos atos, em cada um dos nossos sonhos, delírios, obras, comportamentos. E a história deste sistema está contida por inteiro na história da nossa vida individual. (FERRAROTTI, 1988 apud BUENO, 2002, p.19).

Em tal direção também está Pineau (1980 apud BUENO, 2002, p. 20), que afirma que a utilização da abordagem (auto)biográfica justifica-se por ser “a união do mais pessoal com o mais universal”. Contudo, faz-se necessário alertar que a utilização de fontes (auto)biográficas requer “constante vigilância metodológica, qualquer que sejam as perspectivas adotadas: pesquisa, formação ou pesquisa/formação” (BUENO, 2002, p. 26). Embora a descrição do método (auto)biográfico tenha sido breve nem por isso deixa de transparecer o quanto sua potencialidade pode explicar fenômenos que fora dessa possibilidade metodológica não daria às vistas toda sua complexidade. É também por isso que nos importa apresentar um balanço/mapeamento do uso que vem sendo feito de tal recurso investigativo em nosso país.

3 As pesquisas realizadas no Brasil no período de 2001 - 2010 que tiveram a (auto)biografia como recurso metodológico

Em nossa busca com o descritor (auto)biografia localizamos 742 pesquisas, precisamente 514 mestrados acadêmicos e 228 doutorados. Desse total, a produção por ano pode ser visualizada na tabela 1, seguinte:

Tabela 1 – Produção acadêmica anual no período de 2001 – 2010

Ano	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	Total
Produções	31	41	53	44	70	71	97	105	118	112	742

Fonte: Elaborada a partir dos dados presentes no Banco de Teses da Capes, 2014

No que diz respeito a produção por áreas do conhecimento⁵ temos o seguinte⁶, de acordo com a tabela 2:

⁵ Utilizamos a denominação Área(s) do Conhecimento de acordo com a CAPES. As áreas de conhecimento presentes na Tabela 2 são as que mais vezes (e não unicamente) apresentam o termo 'autobiografia' em seus resumos.

⁶ Outra informação que temos de oferecer refere-se ao fato de que das 742 pesquisas 63 não trazem no site-fonte a área do conhecimento a qual pertencem, contudo, trazem todas as outras informações que nos interessavam para a realização desta pesquisa: nome do programa e da universidade nos quais foram defendidas, biblioteca depositária, nível de pesquisa, banca examinadora, palavras-chave etc. Assim, as consideramos com o prejuízo para a Tabela 2 que se refere à produção por área.

Tabela 2 – Produção no período por áreas do conhecimento

Área(s) do conhecimento	Produções acadêmicas
Letras, Linguística, Literatura	291
Educação	185
Psicologia	44
História	30
Artes	30
Sociologia	13
Filosofia	14
Comunicação	11
Antropologia	8
Teologia	6
Estudos Inter/Multidisciplinar	5

Fonte: Elaborada a partir dos dados presentes no Banco de Teses da Capes, 2014

No que se refere à produção por região geográfica a tabela 3 mostra:

Tabela 3 – (Auto)biografia em produções acadêmicas por região geográfica

Região Geográfica	Mestrado acadêmico	Doutorado	Total por região	Percentual %
Região Sudeste	273	147	420	57
Região Sul	118	37	155	21
Região Nordeste	82	37	119	16
Região Centro-Oeste	32	6	38	5
Região Norte	9	1	10	1
Total	514	228	742	100%

Fonte: Elaborada a partir dos dados presentes no Banco de Teses da Capes, 2014

Na tabela 4, seguinte, apresentamos as quinze universidades que mais produziram pesquisas (auto)biográficas na última década (2001-2010).

Tabela 4 – Quantificação de pesquisas autobiográficas por instituição

Universidade	Total
Universidade de São Paulo (USP)	85
Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)	42
Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP)	42
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP)	39
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)	37
Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)	33
Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)	28
Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)	24
Universidade Federal da Bahia (UFBA)	24
Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ)	22
Universidade Federal de Santa Maria (UFSM)	22
Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)	22
Universidade Federal Fluminense (UFF)	22
Universidade Federal do Ceará (UFC)	21
Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)	18

Fonte: Elaborada a partir dos dados presentes no Banco de Teses da Capes, 2014

Observa-se, de acordo com os títulos e resumos das pesquisas sediadas no Banco de Teses da CAPES, que há um número expressivo de pesquisas produzidas por meio do recurso teórico-metodológico (auto)biografia na última década, 742, e a média de produção por ano de 74 trabalhos. A tendência durante a década foi quase sempre de crescimento de um ano para outro; apenas em 2004 e 2010 é que houve baixas. Contudo, em 2005 ocorreu recuperação e 2010 encerra o período desta pesquisa. Se considerarmos apenas os anos de 2008, 2009 e 2010 a média é bem mais alta do que a registrada na década. Nesses três anos a média de produção foi de aproximadamente 112 pesquisas por ano. Evidentemente, são esses

três anos os maiores responsáveis pela alta da média da década, cujos mostram que no final da década houve aumento significativo da produção.

A Região Sudeste é responsável por mais da metade de todas as pesquisas produzidas entre os anos de 2001 e 2010. As regiões Sul e Norte respondem por pouco mais de um terço. Respectivamente, 21 e 16%. As regiões Centro-Oeste e Norte atingem juntas o percentual de 6%.

As três universidades públicas estaduais de São Paulo, quais sejam, Universidade de São Paulo (USP), Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) e Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP) são responsáveis, juntas, por 169 das 740 pesquisas. Desse grupo a USP é a que mais produziu e as outras duas produziram 42 trabalhos cada uma. Em seguida está a Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) com 39 trabalhos. Saindo do estado de São Paulo temos: Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) com 37 trabalhos e a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) também com 37 pesquisas. As outras universidades, de acordo com a tabela 4, estão na casa dos 20 trabalhos e a Universidade Federal de Santa Catarina produziu 18 trabalhos.

Nota-se que a produção está nucleando para outros estados a partir do Estado de São Paulo. Contudo, há que se levar em consideração o fato de que o número de Programas de Pós-Graduação existentes em cada região interfere significativamente nesses resultados. Portanto, não se trata apenas de ‘preferência’ pelo recurso teórico/metodológico em questão. Nesse resultado estão contidas também questões do âmbito das desigualdades brasileiras.

No que se refere à produção por área do conhecimento, a área que mais produziu foi a de Letras, com 291 pesquisas. Em seguida vem Educação, com 185. Na sequência estão Psicologia, com 44 trabalhos; e História e Artes com 30 trabalhos cada. Em Filosofia foram produzidas 14 pesquisas e outras 13 em Sociologia. Na área de Comunicação encontramos mais 11 pesquisas. Por fim, em Antropologia, Estudos Inter/multidisciplinares e Teologia foram produzidos, respectivamente: oito; cinco e seis trabalhos. O que se pode observar é que o recurso teórico-metodológico em questão foi utilizado em diferentes áreas⁷ e a média de produção também foi bastante considerável. Isto leva-nos a crer que a história epistemológica produzida no Brasil na última década teve em suas filiações uma significativa participação da (auto)biografia.

⁷ Reiteramos que se utilizou a tipologia da CAPES.

4 A (auto)biografia na constituição do campo educacional brasileiro (2001 – 2010)

Primeiramente, chamamos a atenção para o seguinte: passamos a tratar a produção em questão especificamente no âmbito do campo educacional, mas não se pode esquecer que ela se encontra dentro da lógica de produção que caracteriza o conjunto apresentado anteriormente. Nesse sentido, a Educação está em segundo lugar no que se refere ao uso da (auto)biografia em investigações no referido período. A área que ocupa a primeira posição é Letras, com 291 pesquisas, reitera-se. Das 742 pesquisas cadastradas no Banco de Teses da CAPES, 185 pertencem à constituição do campo educacional.

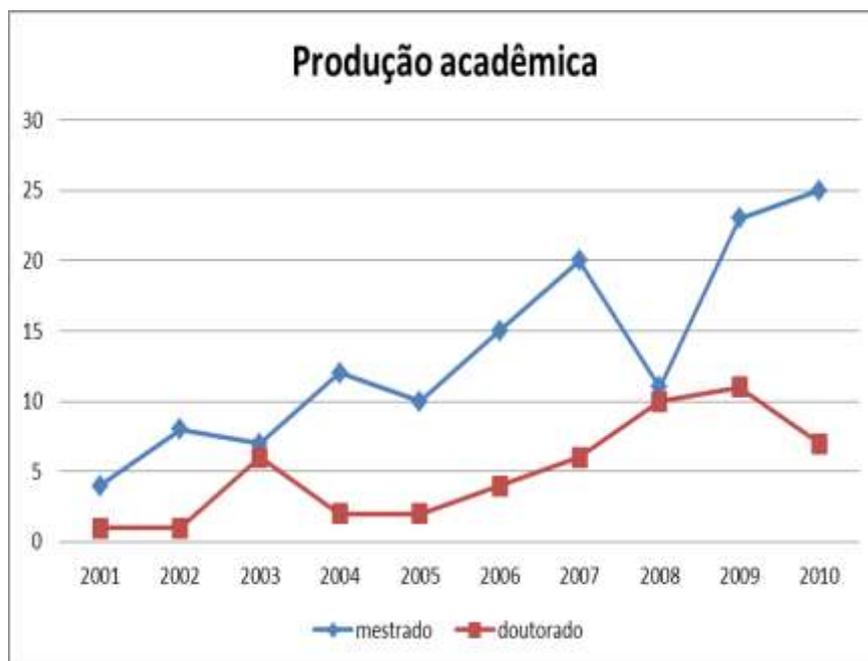
Tabela 5 - A produção por nível acadêmico e por ano dentro da década.

Ano	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	Total
Mestrado	4	8	7	12	10	15	20	11	23	25	135
Doutorado	1	1	6	2	2	4	6	10	11	7	50
Total	5	9	13	14	12	19	26	21	35	32	185

Fonte: Elaborada a partir dos dados presentes no Banco de Teses da Capes.

Da tabela 5, nota-se que no período analisado (2001-2010) o emprego da (auto)biografia (na largueza dessa possibilidade) em pesquisas realizadas no campo educacional é ascendente. Enquanto no ano de 2001 foram defendidas 5 pesquisas (4 mestrados e 1 doutorado), em 2010 foram defendidas 32 pesquisas, sendo 25 mestrados e 7 doutorados. Tais dados permitem-nos dizer que, dentro da área Educação, a alternativa (auto)biográfica difundiu-se de maneira crescente no cenário nacional, sobretudo a partir de 2004 até 2009. Como o período desta pesquisa é de 2001 a 2010 não podemos dizer que a queda em 2010 anuncia mudança nessa tendência. O gráfico 1, seguinte, detalha visualmente esse percurso de produção anual considerando-se o nível da pesquisa, mestrado ou doutorado.

Gráfico 1 – Produção anual por nível acadêmico



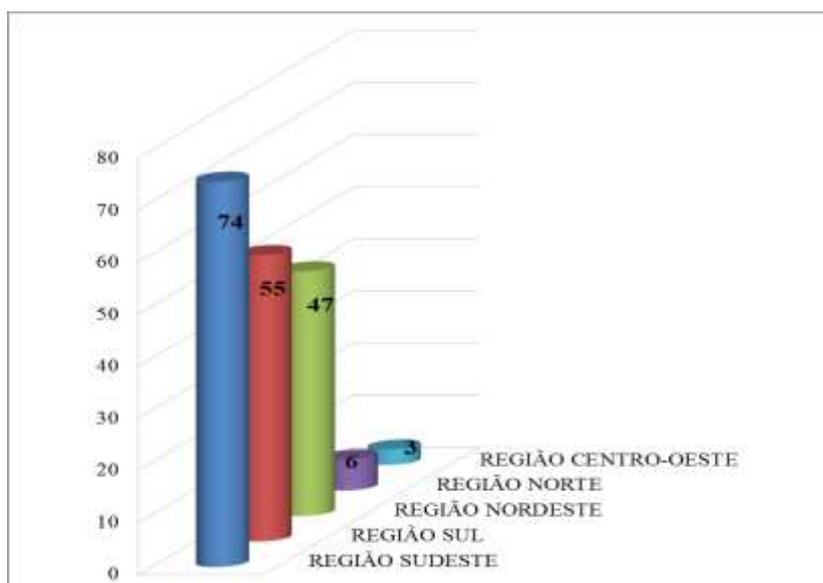
Fonte: Elaborado a partir de dados coletados no Banco de Teses da CAPES, 2014

A partir do gráfico, no que se refere ao nível de escolarização ao qual pertencem as pesquisas vê-se que há recrudescimento na produção de mestrados - e bastante equitativo entre si -, somente nos anos de 2005 e 2008. Nos outros anos houve sempre crescimento e comparando 2001 e 2010 esse crescimento se mostra ainda mais significativo. No nível doutorado há instabilidade de produção de 2001 a 2010 e o maior número desse nível foi em 2009. Para se compreender a diferença de adesão à (auto)biografia por parte de mestrados e doutorandos é imprescindível que se leve em conta a política de implantação de mestrados e doutorados no país. Isto é: há um maior número de mestrados e um menor de doutorados em todas as regiões brasileiras. E há notável diferença entre as regiões no que se refere à quantidade desses níveis em cada uma delas.

Ademais, para se compreender essa diferença (e não apenas nesta pesquisa, mas em qualquer outra de natureza semelhante) é expressamente necessário que se leve em conta o tempo institucional de conclusão de cada um desses dois níveis. Para o mestrado acadêmico o tempo é de dois a dois anos e meio e para o doutorado são quatro anos.

No que diz respeito à produção acadêmica por região geográfica, de acordo com o gráfico 2, mais uma vez foi na região Sudeste que mais se produziu pesquisas com/sobre (auto)biografia no campo educacional. Em seguida, em ordem decrescente, encontram-se as regiões Sul, Nordeste, Norte e Centro-Oeste.

Gráfico 2 – Produção acadêmica por região geográfica



Fonte: Elaborado a partir de dados coletados no Banco de Teses da CAPES, 2014

Como se vê, a Região Sudeste abriga 41% do total das pesquisas. Já as regiões Sul e Nordeste abrigam, respectivamente, 29% e 25%. As regiões Norte e Centro-Oeste – regiões nas quais o ensino superior, o mestrado e o doutorado são em menor número e, respectivamente, recentes e/ou, ainda, enfrentam, quando esses cursos existem, precariedades de toda sorte, abrigam apenas 5% das pesquisas que se valem de algum modo da (auto)biografia.

Analisando a produção do campo educacional, por instituição de ensino superior e ano de defesa, temos que a instituição de ensino superior que mais fez uso da (auto)biografia no âmbito da área Educação foi a Universidade Federal de Santa Maria, com 18 pesquisas, seguida pela Universidade de São Paulo, com 17. E em terceiro lugar encontra-se a Universidade Federal do Rio Grande do Norte, com 16 pesquisas na década analisada. A

tabela 6, a seguir, apresenta, quantitativamente, as 15 universidades que mais produziram trabalhos dentro da área Educação valendo-se do recurso (auto)biografia.

Tabela 6 – Quantificação de pesquisas autobiográficas, no campo educacional, por instituição

Universidade	Total
Universidade Federal de Santa Maria (UFSM)	18
Universidade de São Paulo (USP)	17
Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)	16
Fundação da Universidade Federal do Piauí	10
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRS)	10
Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)	9
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUCSP)	8
Universidade Cidade de São Paulo	7
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS)	6
Universidade Federal de Pelotas (UFPel)	6
Universidade Metodista de São Paulo	6
Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP)	5
Universidade Federal da Bahia (UFBA)	5
Universidade Federal de São Carlos (UFSCar)	5
Universidade Federal do Pará (UFPA)	5

Fonte: Elaborado a partir de dados coletados no Banco de Teses da CAPES, 2014

Pelos dados apresentados, podemos observar que das 15 universidades que mais produzem pesquisas utilizando-se do recurso (auto)biografia, dentro da área educacional, 7 se localizam na região Sudeste, 4 na região Sul, 3 na região Nordeste e 1 na região Norte. Ou seja, o que foi observado no quadro geral das produções – maior produção concentrada na

região Sudeste – mantém-se ao olhar mais especificamente para as produções do campo educacional.

Comparando a tabela 4 – que traz as 15 universidades que mais produziram pesquisas com o recurso (auto)biografia, independente da área/campo do conhecimento – e a tabela 6 – que apresenta as 15 universidades que mais produziram no campo educacional valendo-se do mesmo recurso –, podemos notar que na segunda tabela aparecem sete instituições que não estão na primeira tabela. Isso aponta que ao olhar o quadro de produção total, essas sete instituições não são as que mais produzem utilizando o recurso (auto)biografia, porém, se destacam entre as que mais produzem no campo educacional. As instituições são: Fundação da Universidade Federal do Piauí; Universidade Cidade de São Paulo, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Universidade Federal de Pelotas; Universidade Metodista de São Paulo; Universidade Federal de São Carlos e Universidade Federal do Pará.

Quando analisadas as produções que fazem uso da abordagem (auto)biográfica em suas diferentes possibilidades, conforme anunciamos no início, vale notar que a Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP) aparece em terceiro lugar na produção total e em décimo segundo na produção do campo educacional. A UNICAMP, por sua vez, aparece como segundo lugar no conjunto de produção e como a sexta produtora no campo educacional. A USP tem destaque ao olharmos os dois panoramas: primeiro lugar na produção total e segundo lugar na produção da área Educação. A universidade que mais produz trabalhos na área Educação usando da (auto)biografia é a Universidade Federal de Santa Maria, como já apontamos, porém, ao olharmos o geral das produções encontradas, tal universidade encontra-se em décimo primeiro lugar.

Ao fim e ao cabo, esta pesquisa permite-nos dizer que a adesão à (auto)biografia em pesquisas brasileiras na última década no âmbito do campo educacional é significativa, sem esquecer das peculiares e diversas diferenças regionais que estabelecem relação direta com a produção a qual quantificamos. A história epistemológica do campo educacional brasileiro produzida na última década - como ocorreu com a história epistemológica brasileira produzida nas Ciências Humanas -, teve significativa contribuição da (auto)biografia.

5 Breves Considerações Finais

Quando se realiza uma pesquisa da natureza tal como a que apresentamos, ocorre-nos que não basta saber apenas a quantidade do uso de um recurso teórico-metodológico, tendo em vista verificar a consolidação, ou não, de uma tendência metodológica no âmbito da história epistemológica de uma Área e/ou de um Campo, em um dado país em um determinado período. É preciso perceber o movimento geográfico e físico da tendência, tendo em vista apreender os nichos institucionais nucleares que foram fundamentais à consolidação da referida tendência, pois é esta visibilidade que nos permite compreender a lógica da produção do conhecimento como um todo. Por isso, a nosso juízo, pesquisas dessa natureza são muito úteis aos pesquisadores de modo geral e servem, ainda, como parâmetros de políticas públicas destinadas à formação e manutenção da pesquisa em um país. E, seguramente, tudo isso junto não é pouco.

Referências

BERGSON, H. **Cartas, conferências e outros escritos**. São Paulo: Abril Cultural, 1989.

Coleção Os Pensadores.

BRASIL. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. **Banco de Teses**.

Disponível em: <<http://capesdw.capes.gov.br/capesdw/>>. Acesso em: 20 a 25 ago. 2011.

BUENO, B. O. et al. Histórias de vida e autobiografias na formação de professores e profissão docente (Brasil, 1985-2003). **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 32, n. 2, p. 385-410,

mai./ago. 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ep/v32n2/a13v32n2.pdf>>. Acesso em: 03 set. 2011.

BUENO, B. O. O método autobiográfico e os estudos com histórias de vida de professores: a questão da subjetividade. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 28, n. 1, p. 11-30, jan./jun.

2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ep/v28n1/11653.pdf>>. Acesso em: 03 set. 2011.

DOMINICÉ, P. O que a vida lhes ensinou. In: NÓVOA, António; FINGER, Matthias (Orgs.). **O método (auto)biográfico e a formação**. Lisboa: Ministério da Saúde,

Departamento de Recursos Humanos da Saúde/Centro de Formação e Aperfeiçoamento Profissional, 1988, p.131-153.

LE GOFF, J. (Coord.). **A história nova**. Trad. de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

NÓVOA, A. Os professores e as histórias da sua vida. In: _____ (Org.). **Vidas de professores**. Porto: Porto Editora, 1992.

Recebido em: 10/06/2015

Revisado em: 27/02/2017

Aprovado para publicação em: 02/03/2017

Publicado em: 27/04/2017